

Uma suspeita na família real

Polícia investiga furto de 68 peças de porcelana do Palácio Grão-Pará, em Petrópolis

Gustavo Goulart e Antônio Carlos Silveira

RIO e SÃO PAULO

A cópia de um recibo de venda de 68 peças de porcelana, no valor de R\$ 8.900, entregue pelo colecionador de antiguidades Agnello Aluizio de Oliveira à polícia pode incriminar o jovem Pedro Tiago de Orleans e Bragança, de 22 anos, tetranelo de dom Pedro II e primeiro príncipe herdeiro na linha sucessória do ramo da família real de Petrópolis. No documento consta que Pedro Tiago — que há nove anos foi vítima de um seqüestro e está fazendo concurso para ingressar na Polícia Civil — vendeu as raridades no ano passado a Agnello, segundo seu advogado, Eduardo Manno. Agnello é um conhecido colecionador de Petrópolis. Conforme noticiou ontem Hildegard Angel em sua coluna no GLOBO, as peças de porcelana são de Cristina de Orleans e Bragança, tia de Pedro Tiago, e teriam sido furtadas do Palácio Grão-Pará, em Petrópolis.

No último dia 17, Cristina apresentou uma notícia-crime à 105ª DP (Petrópolis) pedindo que fosse investigado o desaparecimento de 68 peças de porcelana branca, com a coroa real impressa em dourado e vermelho, de um conjunto de 320 peças do aparelho de jantar da família real, datadas do século XIX. O aparelho foi dado a ela de presente pela rainha de Portugal Amélia de Orleans e estava exposto numa cristaleira no Palácio Grão-Pará, onde Cristina mora com o irmão, Pedro Carlos de Orleans — filho mais velho de dom Pedro Gastão de Orleans e Bragança — a cunhada Patrícia, dois sobrinhos, Pedro Tiago e Felipe, e dois filhos de um deles.

O delegado Murilo Montanha disse que o vendedor das peças poderá responder a inquérito por crime de furto e os compradores, por receptação culposa. A polícia investiga ainda a participação de outras pessoas na negociação, o que, segundo o delegado, configura crime de formação de quadrilha. A polícia também apura a autenticidade do recibo entregue.

Pai comprou peças de volta em São Paulo

• Cristina sentiu falta das peças há cerca de três meses e pediu ajuda a um amigo, um colecionador de antiguidades, para descobrir seu paradeiro. Elas foram encontradas no mês passado com o antiquário paulista Luiz Machado de Mello, de 43 anos, que alegou tê-las comprado na Feira de Antiguidades do Shopping Center Iguatemi, na Zona Oeste de São Paulo, por R\$ 28 mil, há um ano e meio.

O pai de Pedro Tiago, Pedro Carlos de Orleans e Bragança, foi a São Paulo resgatar as peças, comprando-as por R\$ 28 mil há duas semanas. Ele tentou devolvê-las à irmã Cristina, que não as aceitou, segundo uma fonte ligada ao caso. Ela teria dito que só as receberia de volta depois de tudo esclarecido. Pedro Carlos foi, então, ao Antiquário da Princesa PortoBello, de propriedade de Cristina, onde deixou as peças juntamente com a cópia de uma declaração de entrega. Procurado pelo GLOBO, o pai de Pedro Tiago não foi encontrado ontem.

Segundo o advogado de Cristina, Alexandre Lopes, a reação dela ao saber quem assinou o recibo foi de surpresa.

— Ela ficou triste, perplexa. Mas decidiu aguardar o fim das investigações para formar uma opinião sobre tudo o que aconteceu. Além do valor inestimável, as peças têm valor afetivo muito grande — disse o advogado.

Ao fazer a petição à polícia, Cristina registrou também o desaparecimento de jóias que começaram a sumir há cerca de três anos. Na lista estão um colar com esmeraldas e diamantes; dois brincos de esmeralda; e um cachorro de prata. Segundo Hildegard Angel, uma espada de ouro de dom Pedro também teria sumido. ■



PARTE DAS PEÇAS do aparelho de jantar que foram furtadas do Palácio Grão-Pará, em Petrópolis

Marco Antônio Rezende/30-8-95

Gabriel de Paiva/15-3-98



CRISTINA DE Orleans e Bragança: queixa na polícia



PEDRO TIAGO: concurso para a Polícia Civil

Saiba mais sobre a família

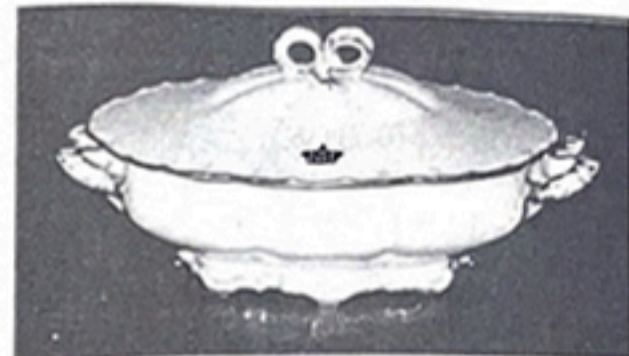
• Dona Amélia de Orleans foi a última rainha portuguesa. Seu nome de batismo era Maria Amélia Luísa Helena. De origem francesa, casou-se com D. Carlos I, o 33º rei de Portugal, em 1886.

O rei morreu no dia 1º de fevereiro de 1908, em um atentado, quando a família real regressava de Vila Viçosa. A rainha morreu em 1951, no exílio, na França.

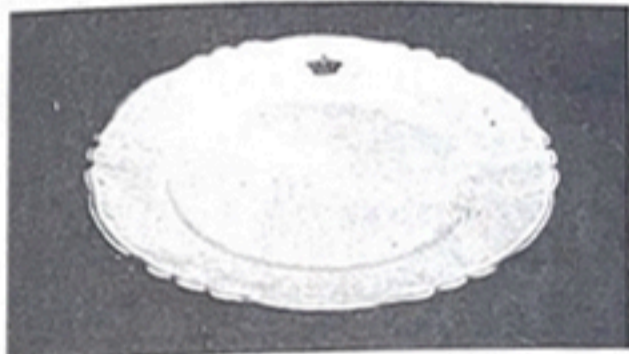
Pertenceriam a ela as peças do serviço de porcelana que desapareceram do Palácio Grão-Pará. A neta, a princesa Cristina de Orleans e Bragança, foi quem apresentou a queixa-crime, trazendo à tona o escândalo familiar.

Cristina de Orleans e Bragança é tataraneta de Dom Pedro II e filha de dom Pedro Gastão de Orleans e Bragança. Nos dias úteis, ela costuma morar no Palácio Grão-Pará, onde também residem o irmão Pedro Carlos de Orleans e Bragança, a cunhada Patrícia, os sobrinhos Pedro Tiago e Felipe, e os dois filhos deles. Nos fins de semana, ela tem como opções outra casa em Petrópolis e o Rio. Atualmente, Cristina é uma das curadoras do projeto Redentor de Braços com a Arte, do decorador Éder Meneghini, aberto a artistas que queiram mostrar sua visão sobre o Cristo Redentor.

Reproduções



UMA SOPEIRA do conjunto de porcelana



PRATO DO APARELHO, com a coroa real impressa

Fivelas de ouro de Dom Pedro II, roubadas de museu, viram anéis

Elenice Bottari

• Objetos de valor da família real brasileira já foram alvo de outros furtos e roubos, fictícios ou verdadeiros. Em abril de 1982, o desempregado Alberto Carlos de Mattos furtou as jóias da família real que estavam em exposição no Museu Histórico Nacional. Entre os objetos furtados havia um par de fivelas, uma tabaqueira de ouro e pérolas e o relógio de Dom Pedro II. A Polícia Federal localizou o autor, mas a tabaqueira e as fivelas já haviam sido fundidas e transformadas em anéis de ouro. Além de Alberto Carlos, outros seis envolvidos foram presos.

Em 1992, um homem identificado apenas como Paulo invadiu o museu, quebrou três vitrines de exposição e conseguiu pegar peças de ouro e prata do tempo de Dom João VI, avaliadas em US\$ 10 mil. Ao tentar fugir, foi detido por seguranças. Entre as peças quase roubadas, estavam duas bandejas, um estribo, uma caixa utilizada para guardar selos da família real, dois talheres do século XVIII que pertenceram ao Marquês de Pombal. O ladrão tirou também um enfeite de ouro pesando 50 gramas de um chapéu que pertenceu a Dom João VI.

Na ficção, o escritor Raul Pompéia descreveu um furto ao palácio de um marquês, na trama "As jóias da coroa".

"Quando, depois de um estrondo, o posteiro da entrada ergueu-se bruscamente, não foi uma horda vandálica que invadiu o salão, foi simplesmente o filho do duque de Bragança.

— Roubaram-me alguma jóia? — exclamou ele, caindo sobre o mordomo como uma onça.

— Sim, sr. marquês — respondeu o mordomo, com a voz tímida e recuando instintivamente.

— Que foi?... — rugiu o marquês. — O que me roubaram?

— Um anel de brilhantes!"

Em "Xangô de Backer Street", de Jô Soares, Dom Pedro II, aconselhado pela atriz Sarah Bernhardt, contrata Sherlock Holmes para investigar o furto de um violino Stradivarius.